Alone

Daniel Ribeiro

Alone



DREAM WHALE

Copyright do texto © 2025 Daniel Ribeiro. Todos os direitos reservados.

Este livro é uma obra fictícia, embora faça referência a pessoas e eventos reais. Certos personagens e eventos podem ser inspirados na vida real, mas suas caracterizações e desenvolvimentos ao longo da história são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais é puramente coincidência.

Título original: Alone

Arte e capa - Dream Whale.

Imagem de capa
Canva

Primeira publicação em
Vitória da Conquista, BA, Brasil. 2025

R484o
Ribeiro, Daniel, 2002 –
Alone / Daniel Ribeiro
- 1. Ed. – Dream Whale: Vitória da Conquista, BA, Brasil. 2025.
ISBN: 978-65-01-33950-4

A todos que carregam os fantasmas do passado como bagagens invisíveis, mas que continuam caminhando, sempre em frente. Que essas páginas lembrem você de que até as cicatrizes mais profundas têm histórias de cura a contar.

Notas do autor

Os anos passam, mas algumas dores permanecem. Algumas cicatrizes se tornam marcas permanentes, não porque queremos segurá-las, mas porque elas moldam quem nos tornamos. Este livro não é sobre redenção fácil ou finais felizes. Ele é sobre sobrevivência. Sobre pessoas quebradas tentando seguir em frente, carregando os fantasmas do passado nos ombros. Sobre aqueles que tentam, falham e tentam de novo, porque a vida não dá pausas para que possamos entender tudo antes de continuar.

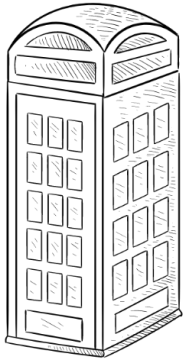
Escrever esta história foi como observar uma fotografia antiga, uma daquelas imagens que capturam um instante, mas escondem um milhão de

histórias nos cantos embaçados. Alex, Elliot, Linda, Laura... todos eles são pedaços de uma verdade maior: a de que o amor, a culpa e o arrependimento andam lado a lado.

Se há algo que quero que você leve deste livro, é isso: as pessoas não são apenas o pior que fizeram. Nem sempre podemos consertar o passado, mas podemos escolher não repeti-lo.

E quando chegar sua vez de perdoar — ou de ser perdoado — espero que você tenha coragem de aceitar.

— *Daniel R.*



PRÓLOGO

FILADÉLFIA, OUTONO DE 1989

O céu chorava com a tristeza daquele dia. Gotas de chuva caíam pesadamente sobre o cemitério, como se cada gota fosse uma lágrima celestial, testemunhando o último adeus a uma alma querida. Alexander Turner permanecia lá, entre a multidão que se aglomerava em torno da sepultura recém-aberta. Seus olhos estavam vermelhos e inchados de tanto chorar, mas o coração pesava ainda mais.

A figura esguia de Alex, de apenas 34 anos naquele momento, era uma sombra pálida diante da realidade que o cercava. A mãe, uma mulher de alma gentil e coração amoroso, agora repousava sob a terra úmida, levando consigo os segredos, as alegrias e as dores de uma vida vivida com integridade e amor.

Vicky, a irmã mais nova, permanecia ao lado de Alex. Seus olhos lançavam faíscas de raiva e ressentimento, enquanto as palavras amargas escapavam de seus lábios trêmulos.

– Tudo isso é culpa sua, Alex! Mamãe nunca teria suportado tanto estresse se não fosse por você e suas loucuras! – Vociferou Vicky, com lágrimas nos olhos.

– Eu fiz o que pude, Vicky. Não foi fácil para nenhum de nós. – Responde Alex, com a voz embargada pelo luto.

Vicky, com os olhos faiscando de indignação, exclama: – Você sempre soube como decepcioná-la, não é mesmo? E agora, veja onde estamos! Ela se foi por sua causa!

Alex engole em seco, lutando contra as lágrimas que ameaçavam escapar de seus olhos.

– Não é justo, Vicky. Você sabe que eu faria qualquer coisa por mamãe. Eu a amava tanto quanto você.

– Se o amor que você sente por ela fosse realmente profundo, você teria sido um filho exemplar. Teria tomado medidas para evitar todo esse sofrimento! – Vicky diz, com um sorriso amargo.

Margaret, irmã da falecida, aproximou-se, seu olhar compassivo tentando suavizar a tensão no ar. Ela ergueu a mão para interromper a troca de palavras ferinas.

– Por favor, parem com isso! Este não é o lugar para brigas. Nossa querida Lauren merece paz, e é isso que devemos oferecer agora.

– Paz? – Interveio Vicky, com sarcasmo. – Talvez se Alex tivesse pensado nisso antes, mamãe ainda estaria aqui!

– O luto é difícil para todos nós, mas precisamos nos apoiar agora. Culpar uns aos outros não trará Eleanor de volta.

Com tristeza nos olhos, Alex respondeu: – Titia está certa, Vicky. Não é hora para isso.

– Humph! Sempre protegendo o queridinho, não é? Você não pertence a esta família, vá embora, seu maldito! – bradou Vicky, enquanto o olhar dela transbordava desdém e raiva.

A troca de olhares carregados de rancor entre os irmãos foi interrompida quando Alex, incapaz de suportar mais as palavras de Vicky, se afastou em silêncio, deixando para trás o som da chuva que caía implacavelmente sobre todos.

Alex correu na chuva, desaparecendo na densidade do aguaceiro. Ele parou abruptamente, ofegante, ao perceber um táxi parado à beira da calçada. Com a respiração pesada, ele abriu a porta e entrou no veículo, enquanto a água escorria de sua roupa

encharcada. O motorista, com um olhar curioso pelo retrovisor, quebrou o silêncio da tarde chuvosa:

– Aonde deseja ir, senhor?

Com olhos vazios, ele sussurra: – Eu só quero ir embora daqui. Qualquer lugar, apenas me leve para longe.

O taxi cortou a chuva, levando Alex para um destino desconhecido, enquanto as lágrimas misturavam-se com a água da chuva em sua face.

Capitulo 1

No instante em que o despertador decidira romper o silêncio do quarto, sua melodia invasiva pareceu ecoar com uma urgência sombria. Rompendo o sono de Alex mais cedo do que o habitual, o som estridente reverberou pelas paredes, como se o próprio destino estivesse acordando-o para um capítulo inesperado de sua vida.

Alex esfregou os olhos, tentando expulsar o cansaço e a névoa do sonho perturbador que o acompanhara durante a noite. A lembrança do cemitério, da chuva e das palavras de Vicky ainda pairava em sua mente, lançando uma sombra sobre a nova manhã.

Ao sentar-se na beira da cama, ele percebeu que não estava em sua própria casa. O quarto desconhecido parecia estranhamente familiar, mas ele lutava para recordar como chegara ali. Uma rápida olhada pela janela revelou um dia cinzento, a chuva persistindo como um eco dos acontecimentos passados.

A porta do quarto se abriu, revelando uma mulher idosa com olhos gentis e um sorriso suave. Era a Sra. Mitchell, a dona da casa onde Alex se encontrava.

– Bom dia, querido. Espero que tenha descansado um pouco. Eu trouxe um pouco de chá quente para ajudar a espantar o frio. – Mitchell sorriu calorosamente.

– Obrigado, Sra. Mitchell. Mas, desculpe-me, como cheguei aqui? Minha mente está um tanto confusa. – Indagou Alex, ainda sonolento.

– Você chegou molhado e desorientado ontem à noite. Disse que queria ir embora daqui. Parecia que carregava o peso do mundo nos ombros. Eu simplesmente não pude deixá-lo partir naquelas condições.

– Eu... agradeço, Sra. Mitchell. Eu não sei o que dizer.

– Não precisa dizer nada, meu querido. Às vezes, todos precisamos de um pouco de ajuda. Agora, tome seu chá e depois podemos conversar sobre o que aconteceu, se desejar.

O chá quente na xícara em suas mãos trazia um conforto momentâneo, mas Alex sentia que algo mais profundo o afligia. Sua mente, ainda emaranhada com as emoções da noite anterior, parecia um labirinto confuso. Ele encarou a xícara como se tentasse extrair alguma clareza dela.

– Sra. Mitchell, eu aprecio a sua gentileza, mas não estou me sentindo muito bem.

– Oh, querido, o que está acontecendo? Você parece pálido. – Indagou ela, com preocupação.

Alex apertou a testa, como se tentasse aliviar a pressão que se acumulava em sua cabeça. As palavras de Vicky ainda ressoavam em sua mente, uma cacofonia de acusações e mágoa.

– Eu... acho que fiquei um tempo demais lá fora na chuva ontem à noite. Estou tonto e minha cabeça dói.

– Bem, isso não é bom. Talvez você tenha pego um resfriado. Deixe-me pegar um termômetro e verificar sua temperatura.

Após alguns minutos, ela retornou com um termômetro e cuidadosamente o colocou na boca de Alex. Enquanto esperavam pelo resultado, a preocupação se aprofundava nos olhos da Sra. Mitchell.

– Você teve uma noite difícil, e ficar molhado assim certamente não ajudou. Talvez seja melhor levá-lo ao hospital, só para garantir que não seja nada sério.

Alex tentou sorrir, mesmo que de forma fraca, enquanto segurava a xicara.

– Agradeço Sra. Mitchell, não precisa se preocupar. Talvez eu só esteja assim por conta...

Antes que pudesse completar a frase, a onda de emoção o inundou. Lágrimas escaparam de seus olhos, traçando trilhas silenciosas em suas bochechas.

Mitchell observou com um olhar de profunda preocupação, seus olhos cheios de compaixão e compreensão.

– Oh, meu querido, o que está acontecendo? O que o aflige tanto?

Alex, entre soluços e suspiros entrecortados, encontrou a coragem para compartilhar o fardo que pesava sobre ele, as palavras brotando de sua alma como uma torrente há muito contida.

Toda essa desgraça começou comigo... – Ele engoliu em seco, lutando para articular as palavras que há tanto tempo o assombravam. – Fui eu quem trouxe tanta dor para nossa família. Mamãe, Vicky... Eu os decepcionei de tantas maneiras.

A confissão pesada pairou no ar, carregada com o peso do remorso e do arrependimento. Alex sentia-se como se estivesse expondo sua alma nua diante da Sra. Mitchell, uma catarse longamente adiada.

Mitchell colocou uma mão gentil sobre a de Alex, oferecendo conforto silencioso e solidariedade em seu gesto simples.

– Meu querido Alex, todos nós cometemos erros. O importante é reconhecê-los e encontrar uma maneira de seguir em frente. Você não está sozinho nisso.

As palavras da Sra. Mitchell ecoaram como uma promessa de esperança em meio à escuridão que envolvia Alex. Ele inspirou profundamente, permitindo que a verdade de suas palavras ecoasse em seu coração.

– Obrigado, Sra. Mitchell. Eu... preciso enfrentar isso, de uma vez por todas.

– Enfrentar o quê, querido? Eu não estou entendendo. – Indagou Mitchell.

Um breve silêncio pairou no ar, enquanto Alex lutava para encontrar as palavras que expressariam o peso de sua carga.

– Preciso encarar meus demônios, Sra. Mitchell. – Ele declara após alguns instantes de silêncio. – As decisões que tomei, as feridas que causei... Chegou a hora de confrontar tudo isso, mesmo que seja doloroso.

Os olhos de Alex refletiam uma mistura de determinação e vulnerabilidade, como se ele estivesse prestes a embarcar em uma jornada interior longa e árdua.

– Meu querido, enfrentar seus demônios não é uma jornada fácil, mas é corajosa. Você não está sozinho nisso. Se precisar de apoio, estarei aqui. – Disse Mitchell, com suavidade.

Alex agradeceu com um aceno de cabeça, apreciando a compreensão e apoio da Sra. Mitchell. Sentindo-se exausto, ele recostou-se na cama, contemplando o caminho à frente.

– Descanse um pouco, querido. Quando estiver pronto para enfrentar o que precisa ser enfrentado, estarei aqui para apoiá-lo.

Alex concordou, fechando os olhos enquanto a fadiga física e emocional o envolvia. A Sra. Mitchell, após um breve momento, saiu do quarto, deixando Alex entregue aos seus pensamentos e reflexões.

1

Na noite tranquila daquele dia, sob a luz difusa do luar filtrada pelas cortinas, Alex acordou. A tontura ainda era iminente, mas uma sensação de alívio começava a se insinuar. Os efeitos do resfriado e da tempestade emocional gradualmente cediam espaço para uma clareza emergente.

Ele se sentou na cama e observou a lua derramar sua luz prateada pelo quarto. A tranquilidade noturna contrastava com a agitação interior que o consumira nos últimos dias. Uma sensação de renovação

começava a tomar conta de Alex, como se a tempestade finalmente tivesse passado.

Alex olhou para uma cômoda ao lado da cama, onde seus pertences estavam cuidadosamente arrumados. Com movimentos lentos, ele pegou suas roupas e a carteira, sentindo uma leve tontura persistente.

A casa da Sra. Mitchell estava imersa em um sereno silêncio quando Alex deixou o quarto. A suave luminosidade das lâmpadas permeava o espaço, criando uma atmosfera acolhedora e serena. Descendo as escadas, ele ainda se adaptava ao equilíbrio instável. Ao entrar na sala de estar, deparou-se com a Sra. Mitchell ocupada preparando a mesa para o jantar. Seu olhar afetuoso encontrou o de Alex.

– Boa noite, meu querido. Como você está se sentindo?

Alex, com um sorriso tímido, respondeu: – Ainda um pouco tonto, mas estou melhorando. Obrigado por tudo, Sra. Mitchell.

– É o mínimo que eu poderia fazer, querido. Estou feliz em ver que está se recuperando. – Mitchell notou que Alex estava prestes a sair e perguntou com gentileza: – Quer ficar para o jantar? Meu marido, John, foi buscar Emily, na casa de alguns amigos, e eles devem chegar em breve.

Alex sorriu, agradecendo pela hospitalidade.

– Eu realmente aprecio, Sra. Mitchell, mas acho que já dei trabalho demais. Preciso voltar para casa.

– Você não é um incômodo, Alex. Por favor, fique. Será um prazer ter você conosco.

– Eu agradeço muito pela sua gentileza, Sra. Mitchell, mas não precisa. Eu realmente preciso voltar para minha casa em Londres. Tenho uma vida para retomar.

Mitchell, não desistindo facilmente, insistiu em seu convite, querendo oferecer a Alex um momento de conforto e companhia.

– Não há necessidade de agradecimentos, Alex. Minha casa será sempre um lugar aberto para você. Entendo que está enfrentando momentos difíceis com a perda de sua mãe, e eu compartilho a dor ao perder uma grande amiga. Saiba que estou aqui para você, em todos os momentos que precisar.

Alex se aproximou de Mitchell, depositando um beijo carinhoso em sua testa.

– Eu agradeço pela compreensão, Sra. Mitchell. Sua generosidade foi um raio de luz em momentos sombrios. Mas agora, eu realmente preciso ir.

Mitchell colocou suavemente a mão no rosto de Alex, expressando seu afeto e compreensão.

– Oh, meu querido, não precisa agradecer. Volte sempre que quiser. Estamos aqui para você. Cuide-se e saiba que minha casa estará sempre aberta para você.

Alex sorriu, agradecendo mais uma vez, e partiu, carregando consigo a gentileza e a compreensão

encontradas na casa da Sra. Mitchell. Enquanto se afastava, ele sentiu que, mesmo diante das adversidades, ainda havia lugares e pessoas dispostas a oferecer apoio e calor humano.

2

O aeroporto se agitava em um frenesi constante, uma cacofonia de vozes ecoando pelos corredores abarrotados de passageiros ansiosos. Em meio a esse turbilhão de movimento e som, Alex permanecia, tentando desesperadamente manter sua compostura enquanto aguardava pacientemente na interminável fila do balcão de atendimento.

– Peço desculpas, senhor, mas lamentavelmente todos os voos para Londres nesta noite estão completamente ocupados. O próximo disponível está programado para partir às 5 da manhã do dia seguinte. – Informou um dos atendentes ao notar a aproximação de Alex.

Alex sentiu um misto de frustração e desespero tomando conta dele. Ele precisava voltar para

Londres o mais rápido possível, tinha compromissos de trabalho que não podia adiar.

– Isso é inaceitável! Eu tenho que estar em Londres amanhã cedo. Não pode haver uma alternativa?

O atendente balançou a cabeça, aparentemente imperturbável diante da crescente irritação de Alex.

– Lamento, senhor, mas todos os voos estão lotados. Não há nada que possamos fazer.

Alex sentiu a raiva borbulhar dentro dele. Ele não podia acreditar que estava enfrentando esse obstáculo agora, quando sua necessidade de voltar para casa era tão urgente.

Antes que pudesse explodir em um acesso de raiva, uma jovem apareceu ao lado dele.

– Ei, amigo, sei que isso é frustrante, mas ficar zangado não vai resolver nada. Eu também estou tentando voltar para Londres, mas parece que só há voos disponíveis amanhã de manhã.

Alex, passando a mão na testa, sentiu a tontura voltar.

– Isso não pode estar acontecendo. Preciso voltar hoje. Não me sinto bem, e responsabilidades me aguardam.

A moça, notando a palidez de Alex, ficou preocupada e se aproximou.

– Meu nome é Laura Walker. Você está realmente pálido. Vamos, venha comigo. Eu vou te comprar um café, talvez isso ajude a acalmar a situação.

A princípio relutante, Alex aceitou a oferta de Laura, seguindo-a até a área de cafeterias. Sentaram-se, e Laura pediu dois cafés, percebendo que a situação exigia mais do que lidar apenas com a falta de voos.

– Você parece estar passando por um momento difícil. Se quiser compartilhar algo comigo, estou aqui para ouvir. Dizem que sou uma ótima ouvinte.

Hesitante por um momento, a sinceridade de Laura encorajou Alex a compartilhar sua carga emocional.

– Perdi minha mãe recentemente, e toda essa situação está me sobrecarregando. Preciso voltar para Londres hoje. Tenho trabalho a fazer, e simplesmente não posso esperar.

Laura ouviu atentamente, captando a urgência na voz de Alex.

– Sinto muito pela sua perda. Eu também entendo a pressão do trabalho. Mas, infelizmente, não há muito que possamos fazer quanto aos voos.

Desculpando-se por não ter se apresentado anteriormente, Alex tomou um gole de seu café.

– Me chamo Alexander Turner, mas pode me chamar de Alex.

– É um prazer conhecer você, Alex, mesmo que nosso encontro seja em um momento tão tumultuado da sua vida.

Um sorriso tímido adornou seus lábios antes que ela prosseguisse, mas a resposta de Alex não refletiu o gesto amigável. Seu sorriso parecia tenso, sua mente imersa em uma busca ansiosa.

Enquanto Laura mantinha o olhar compassivo, Alex desviou a atenção para o bolso traseiro da calça.

– Droga!

A exclamação escapou de seus lábios, revelando a frustração que o consumia. Preocupada, Laura indagou sobre o que havia acontecido.

– O que houve? – indagou Laura, com uma crescente inquietação, enquanto Alex mergulhava freneticamente em seu bolso.

– Minha pulseira... – sua voz vacilou, como se estivesse lutando contra uma torrente de emoções reprimidas – Era a pulseira de minha mãe.

Laura observava Alex com agitação, atenta à maneira como ele vasculhava a mala em busca da pulseira perdida.

– Parece que essa pulseira tem um valor muito grande para você.

Alex, absorto em sua busca, suspirou antes de responder.

– Sim, é especial. Minha mãe me deu no ano passado, durante sua viagem a Londres. Foi depois de uma briga entre nós. Ela me deu a pulseira como uma tentativa de reconciliação.

– Você não a deixou cair em algum lugar, por acaso?

Alex hesitou por um momento antes de responder.

– Não, eu estava com ela ontem, mas... talvez tenha sumido durante toda a confusão.

– Confusão? – questionou ela, com uma leve confusão tingindo suas palavras.

– Sim, minha irmã e eu nos desentendemos. Logo no funeral de nossa mãe. – Alex soltou um suspiro profundo antes de prosseguir. – Vicky nunca consegue escutar ninguém; ela sempre se convence de estar certa, e isso me causa uma ira profunda.

Laura notou a tormenta nos olhos de Alex, uma mistura de tensão e pesar.

– Compreendo, Alex. A perda já é um fardo pesado, e quando somam com conflitos familiares, o peso se torna ainda mais insuportável.

Alex assentiu em silêncio, mergulhando de volta na busca pela pulseira.

– Espero que você encontre a pulseira. Às vezes, objetos como esse carregam um significado que transcende o material.

– Mamãe sempre me advertiu sobre a imprudência de andar por aí carregando algo tão valioso, mas como sou obstinado... – sussurrou ele.

Laura se acomodou desajeitadamente na cadeira, observando Alex enquanto sua expressão empalidecia por alguns instantes. Ele soltou um suspiro contido e fechou a mala com um gesto desanimado. Depois de uma breve pausa, Laura rompeu o silêncio.

– E então, encontrou? – indagou ela, os olhos cheios de esperança, desejando que a pulseira tivesse sido recuperada.

Alex abaixou a cabeça, revelando sua frustração.

– Não, parece que realmente a perdi – respondeu ele, resignado.

Laura suspirou, compartilhando o sentimento de desapontamento de Alex.

– Bom... – começou ela, consultando o relógio de parede da cafeteria. – Acho que devo ir... Sinto muito pela sua perda.

Laura ergueu-se da cadeira, preparando-se para partir. Sabia que Alex precisava de um momento para digerir sua perda e encontrar seu próprio caminho para lidar com a situação.

Apesar da decepção, Alex expressou gratidão pela gentileza e compreensão de Laura.

– Obrigado por tentar, Laura. E obrigado por me ouvir – disse ele, reconhecendo o apoio e a consideração que ela oferecera.

Laura sorriu, transmitindo solidariedade.

– De nada, Alex.

Com um gesto de despedida, Laura deixou a cafeteria, deixando Alex entregue aos seus pensamentos.

2

Era exatamente 5 da manhã quando Alex despertou com um toque suave em seu ombro. Seus olhos ainda estavam pesados de sono, mas ele lutou para se focar na figura ao seu lado no ambiente escuro e sonolento do aeroporto.

– Senhor – uma voz suave chamou novamente.

Alex piscou algumas vezes, tentando focar na figura da funcionária do aeroporto parada ao seu lado.

– Sim? – sua voz soou sonolenta.

– Senhor, desculpe acordá-lo, mas seu voo para Londres está prestes a embarcar. Precisamos que se dirija ao portão de embarque o mais rápido possível – disse a funcionária, mantendo uma expressão profissional, mas compreensiva.

A realidade da situação começou a penetrar na mente sonolenta de Alex.

– Meu voo? Oh, sim, claro – murmurou ele, lutando para se levantar e reunir seus pertences.

A funcionária esperou pacientemente enquanto Alex se preparava para partir, consciente do impacto que o despertar abrupto poderia ter em qualquer viajante.

– Obrigado por me avisar – expressou Alex, sua gratidão evidente enquanto se apressava em direção ao portão de embarque.

Um sorriso gentil curvou os lábios da funcionária.

– Tenha um bom voo, senhor – ela disse, observando enquanto Alex se afastava, pronto para enfrentar o novo dia que se anunciava através dos corredores do aeroporto.

Antes de chegar ao portão de embarque, Alex alcançou o bolso de seu casaco e retirou um cigarro. Apesar de meio gasto, era um alívio bem-vindo após os recentes acontecimentos que o impediram até de fazer sua própria barba. Porém, ao avistar a placa "Proibido fumar", ele assentiu resignado, depositando o cigarro em uma lixeira próxima.

Adentro à realidade, semelhante a uma navegação em mares desconhecidos – sussurrou ele consigo mesmo enquanto avançava em direção à fila de embarque.

Capitulo 2

Quando Alex finalmente adentrou sua casa, tudo o que mais ansiava era por um banho quente, uma espécie de refúgio onde pudesse se despir das tensões do dia. Ao trancar a porta atrás de si, cada passo pelos corredores familiares era como carregar o peso do mundo em seus ombros exauridos. No santuário do banheiro, ele abriu a torneira do chuveiro, dando início a uma cascata de água quente que preenchia o ambiente com vapor reconfortante. Despiu-se lentamente, deixando que as vestes caíssem ao chão, enquanto sua mente vagava por entre as vivências do dia.

Ao se entregar ao abraço acolhedor do chuveiro, a torrente quente encontrou seu corpo tenso, suavizando aos poucos a rigidez de seus músculos fatigados. Ele fechou os olhos, mergulhando na sensação reconfortante do calor, permitindo-se,

enfim, relaxar, como se fosse a primeira vez desde aquela manhã turbulenta no aeroporto.

Meu Deus, o que se passa comigo? – refletiu ele, imerso na cascata das águas, seus cabelos escuros encharcados pelo fluxo incessante.

O alívio que o envolvera foi instantaneamente dissipado pelo som do toque na porta. Como uma brisa suave que se transforma em tempestade, a tranquilidade que ele experimentara desapareceu num instante, substituída por uma ansiedade crescente.

– Já estou indo! – proferiu ele em um suspiro, o som da água cessando ao fechar o registro do chuveiro. Num gesto ágil, estendeu a mão na tentativa de alcançar a toalha próxima.

Enquanto envolvia a toalha em torno de si, Alex sentiu o peso da incerteza pairando sobre seus ombros. Aproximou-se da porta, seu coração batendo com uma cadência inesperada, enquanto se

preparava para encarar o que quer que estivesse à sua espera do outro lado.

Ao abrir a porta, deparou-se com uma figura familiar. Era Eleanor, sua amiga, com os olhos avermelhados e uma expressão de preocupação estampada em seu rosto.

– Alex, precisamos conversar – disse ela, sua voz trêmula, carregada de nervosismo.

Um nó se formou na garganta dele enquanto Eleanor entrava.

– Inferno – começou ela – Por que raios você não atende esse telefone, Alexander?

O simples uso de "Alexander" por alguém não parecia nada promissor para ele.

– Eleanor... – começou ele, lutando para encontrar as palavras certas.

Mas Eleanor não lhe deu a chance de continuar. Ela avançou, seus olhos faiscando com uma mistura de preocupação e raiva contida.

– Onde você estava, Alex? Cinco dias... *Cinco dias* sem dar notícias, sem nos dizer onde estava. Você nos deixou preocupados.

– Eu sei, Ellie. Eu sinto muito. Eu só precisava de um tempo para... para colocar as coisas em ordem na minha cabeça.

Eleanor suspirou, sua expressão suavizando um pouco diante da aparente sinceridade nas palavras de Alex.

– Você precisa se acertar, Alex – disse ela, sua voz mais calma agora. – Eu te entendo, mas você não pode simplesmente desaparecer assim, sem nos dizer nada. Nós nos preocupamos com você.

Ele abaixa os olhos, sentindo o peso da repreensão de Eleanor.

– Eu vou tentar, Eleanor – prometeu ele, sua voz embargada pela emoção. – *Eu vou tentar*.

Eleanor se senta no sofá da sala, e sinaliza para Alex fazer o mesmo. Alex parecia abatido, perdido em seus próprios pensamentos. Ela olha para ele com tristeza, percebendo a dor que ele está sentindo. Ela estende a mão e gentilmente passa os dedos pelo cabelo dele, buscando confortá-lo.

– Olha só você, meu bem... *Olha* sua situação.

Alex suspira profundamente, desviando o olhar para longe. Ele parece resignado, como se estivesse carregando o peso do mundo em seus ombros.

– Eu sei, Ellie. *Eu sei* – diz ele com pesar.

– Você tem lutado tanto, Alex. Mas é como se cada batalha apenas desse lugar a uma outra, como se a vida insistisse em testar sua resiliência. Não importa o quanto você se esforce, as coisas parecem permanecer imutáveis, não é verdade?

Ele balança a cabeça em concordância.

– Às vezes, Ellie... *Às vezes* parece que o mundo todo está contra mim.

– Mas não está, meu bem. Você não está sozinho nisso. Você tem sua família, seus amigos... e você tem a mim.

Ela continua a acariciar com suavidade os cabelos de Alex, enquanto ele parece ainda mais perturbado do que antes. Ela percebe a angústia estampada em seu rosto e fala com preocupação.

– Alexander, o que está acontecendo? Você parece tão distante...

Alex abaixa a cabeça, permitindo que as gotas de água do seu cabelo caiam em silêncio no chão. Ele fala com a voz embargada, carregada de tristeza e culpa.

– Não tenho mais família, Ellie... A única que eu tinha, ela se foi. E foi por minha culpa.

Eleanor olha para ele, surpresa e preocupada com suas palavras.

– O que você quer dizer, Alexander? Eu não estou entendendo... Aconteceu algo com alguém?

Alex olha para o chão, incapaz de encará-la diretamente enquanto compartilha sua dor mais profunda.

– Sim, minha mãe... Ela partiu. E eu... Eu não consegui salvá-la. Não consegui fazer nada para impedir que ela se fosse.

Ela coloca uma mão gentil no rosto de Alex, tentando confortá-lo.

– Oh, meu bem... Sinto muito. Eu não tinha ideia de que você estava passando por isso.

Alex balança a cabeça, incapaz de conter suas emoções.

– Eu queria poder voltar atrás, Ellie. Queria poder fazer as coisas direito. Mas agora... agora ela se foi, e eu nunca poderei consertar isso.

– Mas Alex, você e sua irmã Victoria deveriam estar juntos agora, como uma família. Onde está ela?

Ele desvia o olhar, sua expressão sombria reflete a mágoa que ele carrega consigo.

– Victoria... ela não é mais minha família, Ellie. Foi isso que ela disse.

Eleanor parece atordoada com a revelação, incapaz de compreender completamente o que isso significa para ele.

– Como assim, ela não é mais sua família? O que aconteceu?

Ele respira fundo, tentando encontrar as palavras para explicar a situação dolorosa.

– Ela me disse... *ela me disse* que eu não sou mais da família.

– Isso é... *isso é* terrível, como ela pôde dizer algo assim?

– Eu não sei, Ellie. *Eu não sei*.

Eleanor o abraça com força, compartilhando sua dor.

– Você não está sozinho nisso, meu bem. Nós vamos superar juntos, como sempre fizemos. Eu sou sua amiga e jamais irei deixar você assim.

Alex fecha os olhos, sentindo o calor do abraço enquanto tenta lidar com a dor de perder sua mãe. Eles permanecem ali juntos, encontrando consolo um no outro em meio à escuridão da perda e da culpa.

Eleanor observa Alex com ternura, uma chama decidida a iluminar o ambiente sombrio que os envolve.

– Alex, erga-se. Vamos nos arrumar. Eu prepararei um almoço reconfortante para nós.

– Ellie, não há nada em casa. A geladeira está vazia, eu tive tempo ir ao super mercado.

Um sorriso suave se desenha nos lábios de Eleanor, enquanto ela acaricia o rosto dele com gentileza.

– Isso não é um problema, meu querido. Eu irei ao mercado agora mesmo.

– Você faria isso por mim, Ellie?

Eleanor assente com determinação, decidida a enfrentar qualquer obstáculo para cuidar dele.

– Claro que sim. Juntos, nós superaremos isso, lembra? Estarei de volta em breve.

Eleanor se levanta e deposita um beijo suave na testa de Alex antes de sair pela porta. Ele a observa partir, sentindo-se reconfortado pela determinação e amor inabaláveis dela. Assim que a porta se fecha, ele se levanta lentamente do sofá, ainda carregando o peso de suas emoções. Seus passos são hesitantes

enquanto ele se dirige ao banheiro, a mente tomada por pensamentos tumultuados.

Ao entrar no banheiro, Alex fecha a porta atrás de si e encara seu reflexo no espelho. Ele vê um homem abatido, seus olhos cansados refletindo a dor que tenta esconder. Um nó se forma em sua garganta, mas ele mantém tudo isso para si, não querendo preocupar Eleanor. Em vez disso, ele se concentra em se reerguer. Com mãos trêmulas, ele liga a torneira e deixa a água fria lavar seu rosto. A sensação gelada o faz sentir-se um pouco mais alerta, mas a dor persiste, enraizada em seu coração. Ele respira fundo, lutando contra os pensamentos sombrios que o assombram.

Após alguns momentos, ele encara novamente seu reflexo no espelho. Ele vê um homem decidido, um lutador disposto a enfrentar os desafios da vida de frente. Ele seca o rosto com uma toalha e busca dentro de si as forças necessárias para seguir em frente.